



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por J. Lima;—*A corte de D. José I e o povo de Lisboa*, (conclusão), por Alberto Telles;—*Estudos de hygiene*, (continuação), por Castor;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Madrilgal triste*, versos, por Silva Ferraz;—*O sonho de Eddison*, por Luiz Coll;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A missa nova*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Alfredo Krupp*;—*Conselheiro Elvino de Brito*;—*Otra! Otra!...*;—*Modas*;—*A volta do Senhor da Serra*.

CHRONICA

Eu cá não uso navalha. Não é por me gabar, mas a verdade é que não uso.

Fique-o sabendo a policia, para que eu não tenha de soffêr, mais dia menos dia, o enxovalho de sêr revisitado em plena rua, pelo simples facto, que pode dar-se, de haver nas minhas feições algum symptoma de navalha na algibeira.

N'estes ultimos tempos, realmente, tem sido tão feliz a pesca aos portadores da terrivel arma, que é impossivel que as auctoridades não tenham descoberto na physionomia humana alguma coisa de particular dos casos de ponta e mola. Estas coisas, porém,



ALFREDO KRUPP

são sempre um tanto ou quanto contingentes, e nada mais natural do que irem dar-se na superficie d'algum burguez pacifico vestigios especiaes de Gabriel Archango. Tambem outr'ora se julgou que, pela abertura do angulo facial, se poderia avaliar a intelligencia de cada um, e veiu emfim a reconhecer-se que havia tolos muito fóra da medida.

Todos os dias as gazetas annunciam apprehensões de navalhas, e, a não ser que os fornecedores do instrumento marquem a giz os freguezes, é muito para receiar que os senhores policias, uma ou outra vez, tenham batido em falso. Isto não é pôr em duvida a finura dos agentes, nem aconselhal-os a deitar agua na fervura do seu impeto investigador; é simplesmente uma observação que eu faço e que o susto legal de ser collido me sugere.

Entretanto, antes a auctoridade pratique pequeninas inconveniencias em Portugal, modesto canto europeu, do que na França, nação opiniosa, o presidente faça guilhotinar uma pessoa cuja criminalidade, em rigor, não estava ainda demonstrada.

Pranzini morreu corajosamente, diz-se agora. E' já com menos mau modo que se profere esse nome, que a principio a toda a gente repugnava. E, ao mesmo tempo que Pranzini morria n'uma attitude que, pelo menos, desmente a covardia proverbial dos assassinos, levantava-se na praça da Roquette uma vezeria indecente, em meio da qual até se ouviram gritos de jubilo e de applauso.

E' evidente, portanto, que a multidão que assistia áquella scena repugnante não valia mais de que o outro, cuja cabeça rolava no cesto da guilhotina. E, se a esta consideração acrescentarmos a boa vontade com que Grévy mandou cumprir a sentença, seremos naturalmente levados a confessar que, n'aquellas regiões, anda o progresso com tanta rapidez que, de quando em quando, escorrega e quebra o nariz.

Pranzini não fez declarações. E' natural. Todos nós acreditamos que a unica coisa que lhe faltava declarar era ter sido elle o auctor da hecatombe; e uma tal confissão, postas as coisas n'aquelles termos, não era já absolutamente indispensavel. O aparelho estava prompto, ia o cutello saltar... Adeus Pranzini!

Entretanto, as apparencias falham, e não seria a primeira vez que em torno de um innocente se agrupariam esmagadoras provas de culpabilidade. Ora, contra a guilhotina, o remedio é das Caldas, o que não quer dizer, ainda assim, que na fabrica de Bordallo esteja adiantadissima a modelagem de cabeças para condemnados.

Admittido mesmo que a justiça tenha d'esta vez adivinhado, o que é difficil de entender, é porque bullas a França, com republica e tudo, se resigna a ficar para traz n'isto da pena de morte. A regente de Hespanha acaba de commutar a pena capital imposta a um sceletrado confesso; Zanardelli vae apresentar na Italia um projecto de codigo onde já não figura aquelle hediondo castigo; Grévy, porém, não se abalança a imitar nem a clemencia hespanhola, nem o bom senso italiano. Tem decerto razões para não exigir logar na vanguarda da civilisação, como dizem os senhores da Idéa. Está velho para tambor-mór.

Voltemos agora á patria. Deixemos lá por fóra a vida alheia, e conversemos da nossa vida, que nos importa mais, e que não admittre phenomenos d'aquella natureza. Entre nós, já se não mata ninguem.

Pelo contrario, a população cresce e multiplica-se. Foi-se embora, felizmente, a companhia da Trindade, que, a demorar se em Lisboa, ia deixar-nos como sardinha em tigela.

O grupo das coristas apresentava symptomas aterradores. Nem já cabiam nos seus costumes, onde a

principio andavam muito á larga as pobres *niñas*, Dentro de cada figura, haviam duas pessoas. Duas, pelo menos.

E' de crer que, tarde ou cedo, venha a Lisboa, pela primeira vez, uma companhia de zarzuela, que já cá esteve. Filho de peixe sabe nadar, e não seria prudente torcer a inclinação que devem ter para o canto, pessoas habituadas desde tão tenra idade a desempenhar o seu papel em espectaculos d'aquelle genero.

A obesidade, felizmente, não é doença contagiosa. Se não, talvez até o Lamas viesse a padecer com isso, o que seria um transtorno para elle e para todos nós, que ficaríamos tremendo pela perspectiva de um Lamas pequenino, arrastado, como seu pae, para o theatro, onde tantos artistas portuguezes teem conseguido morrer de fome.

O Lamas fez beneficio; encheu-se a casa, e applaudiram-n'o muito. Depois veremos.

Melhor fóra que o houvessem pateado, e que o forcassem d'esse modo a abandonar a desgraçada carreira onde o lançaram, a fim, talvez, de emancipal-o da tutela que sobre elle teriam de exercer os que o haviam posto em evidencia.

Ser actor, em Portugal, não é futuro a que entreguemos ninguem que nos mereça estima. E' necessario ser-se muito, para se ser no palco alguma coisa. O Lamas tem incontestavelmente uma garganta privilegiada, imita bem, tem boa cara, mas todos esses dotes, que fizeram por algum tempo as delicias da rapasiada estroina, não bastavam para o revelar como actor feliz. Antes é notavel que os grandes comicos são, em geral, pouco engraçados e pouco alegres até, fóra do palco.

Lamas agora está lançado, e oxalá portanto que a theoria falhe, e que a velha alegria do esturdio nunca venha a ser substituida pelo sorrir amargo dos que encontraram na vida, frequentemente, o phantasma das illusões que morrem.

Em todo o caso, antes ser actor do que ser chronista. O actor descança, tem ferias, exactamente como

O magistrado,
O advogado,
O homem d'estado,
Etc, e tal.

Só não descança o tempo, nem a chronica portanto.

Dizem os philosophos que o tempo é a successão dos acontecimentos. Se assim fosse, nunca se veria a chronica embaraçada, mas a verdade incontestavel é que em Lisboa passam semanas inteiras sem acontecer coisa alguma. E uma semana é tempo.

D'este modo, seria de todo o ponto justo inventar tambem um feriadosinho para uso dos martyres da *Illustração*. A ordem social não tinha de alterar-se por tão simples coisa, e lucraria com isso a piedade divina, que vinha a receber no seu amplexo mais uns tantos desgraçados.

Esta lamentação, é bom saber-se, não tem que ver commigo, que venho aqui d'emprestimo, e que, por enquanto, sou livre como a setta quando sibila no ar. (Soares de Passos—*O escravo*.)

O unico ponto do paiz onde não posso veraneiar é Cintra. Tenho motivos. D'antes, havia em Cintra uma estrada *dos Pisões*, onde á tardinha se reuniam muitas familias honestas e muitos namoros descarados.

Eu era descarado. Pois bem: A estrada que me referi passou agora a chamar-se estrada do Conselheiro José Luciano de Castro, que, como se está vendo, é muito mais comprido que todos os Pisões juntos. E, digam lá os estadistas o que quizerem, não é preciso ser-se poeta para se reputar exotico o desejo de ir matar saudades na meia laranja do Conselheiro José Luciano.

A CORTE DE D. JOSÉ I.º E O POVO DE LISBOA

(CONCLUSÃO)

As companhias de commercio que se tinham feito não eram mais do que uma fina ladroeira, e o conde de Oeiras um ladrão encoberto com a capa d'essas companhias. Mas d'isso nada sabia el-rei, e para o não saber é que s. ex.^a o distrahia com a continua caça. Seja-me licito observar que me parece bem fundada esta ultima accusação.

Não seria talvez com semelhante fim que o marquez de Pombal mandou fazer a tapada da Ajuda; mas com isto de certo lisonjeou o rei, que ficava tendo ao pé da porta um meio de satisfazer aquelle prazer, sempre que quizesse. E o que não faria um habil cortezão e um valido poderoso como elle era?... Tendo eu, porém, tido, occasião de ler, ha annos, algumas cartas ineditas do celebre estadista, fez-me grande impressão ver como n'ellas transparecia claramente o intimo jubilo que lhe causava o andar el-rei entretido a caçar em Villa Viçosa.

«Suas magestades—escrevia o conde de Oeiras—gozam da perfectissima saúde com que se ficam gostosamente divertindo no exercicio de caça grossa em que abunda a tapada de Villa Viçosa. E toda a real familia goza n'aquelle sitio da mesma feliz disposição.»

Taes expressões, se me não engano, dizem mais alguma coisa que a satisfação natural a todo o secretario de estado, quando sabe que *le roi s'amuse*.

Os ministros da marinha e dos estrangeiros, Francisco Xavier de Mendonça Fortado, e D. Luiz da Cunha, tinham n'essa occasião acompanhado a corte a Villa Viçosa, e aquelle tinha o cuidado de informar seu irmão, o conde de Oeiras, de todos os passos que dava o rei. Um d'elles, bem entendido, era se tinha ido á caça.

A carta de Francisco Xavier tem a data do primeiro de novembro de 1759, e diz assim:

Ill.^{mo} e ex.^{mo} snr.—Mano do coração: nossos augustos amos continuam a lograr a felicissima saúde que todos nós lhes desejamos e havemos mister; e da mesma sorte a mais familia real, e só o senhor infante D. Pedro ainda padece a sua molestia no dedo grande do pé, mas dizem os cirurgiões que vai com muitas melhoras.

«Suas magestades e a sua real familia não foram hoje ao seu divertimento da caça, e todo o dia levaram na capella real, assistindo aos officios divinos, assim de manhã como de tarde.

«Parece-me que estão summamente gostosos da terra e da fórma porque acharam a tapada cheia de infinita e formosissima caça.»

Ainda a respeito das companhias de commercio:—n'uma estancia de lenha abaixo da ermida de Nossa Senhora da Lapa, pertencente a José Rodrigues Teixeira, consta que este dissera para um seu compadre:

—«Este ladrão de Sebastião José de Carvalho é quem tem culpa de tudo, pois quer fazer ricos quinze ou dezeseis homens e empobrecer todo o reino.»

Admoestado pelo compadre para não falar d'esse feitiço, retorquiu-lhe José Rodrigues:

—«Diz bem; que enquanto este ladrão fór vivo não se deve falar n'elle, porque me podem tambem lá metter de dentro.»

De dentro vinha a ser no Limoeiro.

Referindo-lhe em seguida o bom do compadre que estava preso na cidade do Porto um homem que se dizia ser el-rei D. Sebastião, exclamou o Rodrigues:

—«Rei Sebastião temos nós, mas falta-lhe o D. ou o diabo que o level!»

Conversando ainda os dois acerca das infelizes victimas do attentado de 3 de setembro, assentaram em que os fidalgos tinham sido uns asnos, porque não souberam fazer a sua, visto que primeiro haviam de dar os tiros em Sebastião José («contra aquelle cão! contra aquelle cão!» bradavam).—Quem se não admiraria de ouvir dizer que tinham degolado tão injustamente a marquez de Tavora, que arriscára a sua vida indo á India acompanhar seu marido, ao passo que a marquezinha estava no convento de Santos assistida com toda a grandeza?!—O conde de S. Lourenço, preso no castello de Bragança, pedia todas noites para ceiar com elle a um capitão, de nome Francisco Luiz, o qual, mais por cortesia do que por sua vontade, acceitava o convite, e n'essas occasiões lhe fez o preso algumas revelações curiosas; entre ellas a seguinte:—Que o marquez da Fronteira lhe contara que indo aos parabens ao sr. Sebastião José pelo titulo de conde de Oeiras, lhe dissera: «Agora, senhor, para lhe darem o titulo de marquez, é necessario fazer outra, mas que não seja tão sanguinolenta.»

Por baixo do dormitorio do convento de S. Domingos, na rua que se abria entre o hospital e o mesmo convento, havia uma loja de capella, de Domingos Gonçaves, onde concorriam diferentes pessoas que diziam mal do governo: Matheus dos Santos, ourives, João Lopes, do senado, Manuel de Seix, logista, e o padre Boaventura de Sant'Iago, que morava na calçada do Gar-

cia, e era irmão de um jesuita, Paulo Amaro. No estylo da epocha e dos esbirros, o padre Boaventura «blasphemava contra o ex.^{mo} sr. conde de Oeiras,» dizendo que a sua casa havia de ter mau fim por elle exterminar uma religião como a dos jesuitas, dos quaes se mostrava muito affeccionado, pois affirmava—que para os religiosos dominicos saberem latim, tinha-lhes sido preciso dar o habito a alguns dos que tinham sabido da Companhia de Jesus;—que se dera a expulsão dos jesuitas, porque sua magestade se governava pelo que o conde de Oeiras lhe dizia—que os jesuitas eram homens muito grandes, incapazes de fazerem o que se lhes tinha attribuido; e que tudo era falso testemunho que lhes levantára o conde de Oeiras por lhes ser pouco inclinado e ter mau coração.—Mas que importava isso? Não havia prophecias que falavam na restituição dos jesuitas a este reino? Havia: eram as prophecias do Bandarra, em que o padre acreditava, vendo-se forçado a declarar nas suas *segundas perguntas* que nenhum conceito fazia d'ellas, e que as havia achado casualmente em casa de uma Maria da Fonseca, de quem o irmão d'elle fóra testamenteiro; porque havia uma pastoral do Santo Officio que prohibia com pena de excommunhão tel as alguém e não as entregar logo n'aquelle tribunal.

O mesmo padre persuadia que era certo o empenho do conde de Oeiras em metter no Santo Officio o padre Malagrida, o que bem se mostrava pela mudança que houvera de ministros novos, pois tinha feito bispo de Angola a fr. Francisco de S. Thomaz para pôr em logar d'elle o padre Mansilha¹, e nomeado para o conselho geral seu irmão, Paulo de Carvalho, dando-lhe por adjunto D. Nuno Alvares Pereira de Mello, todos da sua facção, para sentenciarem o padre Malagrida, missionario apostolico, um santo, «um homem santo em carne,» a quem, de subito, n'uma missão, se tinham feito milagrosamente as barbas brancas. E para o matarem é que tinha sido demittido de inquisidor geral, o sr. D. José, de Palhavã, que estava no Bussaco com seu irmão Antonio, morrendo á fome!—Que tanto a prisão como a sentença fóra tudo machinado pelo conde de Oeiras, com o fim de mostrar ao mundo inteiro que todos os jesuitas eram como elle e todos mereciam a mesma sorte. E este empenho tornou-se tão manifesto que o conde de Oeiras não só foi visto na sege do inquisidor José Barata de Lima, e ia muitas vezes ao Santo Officio, como até assistiu ao auto de fé.

E porque governava Sebastião José, dentro em pouco haviam todos ser hereges, como os inglezes, por causa das maximos que elle trouxera dos reinos por onde tinha andado. Pois estava para sahir uma doutrina christã, diversa da cartilha do mestre Ignacio. Mandada rever pelo Santo Officio a um qualificador, padre paulista, este opinou que não convinha se imprimisse por deitar abaixo os mandamentos da lei de Deus, que ficavam reduzidos a seis; sendo que no sexto se não dizia já como d'antes, mas de outra sorte—*Guardar castidade*.—A nova doutrina supprimia tudo o que os padres da Companhia haviam accrescentado, e era tirada de uns livros vindos de fóra no tempo de fr. Gaspar da Encarnação, e que elle tivera em seu poder. Pois, senhores, era aqui agora como em Inglaterra, «isto estava mau; queria-se cá fazer Roma, porque se faltava aos preceitos do padre santo.» E a causa de tudo era o conde de Oeiras, que havia de fazer com que o povo se amotinasse e o matassem. Excommungado já elle estava, mais o rei, por se entremetterem ambos no governo ecclesiastico que lhes não pertencia. Tambem, em elle morrendo, haveria festas e banquetes, e não teria sequer um Padre Nosso por alma!

O juiz de fóra de Villa Franca, Caetano José de Almeida Peixoto, costumava dizer que quando acabasse o seu logar, ainda que mal o tivesse feito, só lhe perguntaria o governo:—Roubaste? Não.—Dormiste com orphans? Não.—Marraste com Jesus Christo? Sim.—Deixa-te ir que vais direito.

III

A acção constante do terror não só produz a degradação das almas e a baixeza dos caracteres, mas ainda o desvairamento e a allucinação. O supplicio monstruoso dos conjurados de 3 de setembro de 1758 impressionou tão fortemente a princeza do Brazil que lhe abalou para sempre a razão. A lembrança dos horrores que praticou n'esse dia a justiça de el-rei fóra o bastante para lhe amargar a existencia, e tão involuntariamente era forçada a meditar, uma e muitas vezes, n'esse pavoroso successo que, apenas subiu ao throno com o nome de D. Maria I, um dos seus primeiros cuidados foi mandar proceder á revisão do processo dos Tavoras. Esta extraordinaria resolução era já em si um acto de demencia, e, como era natural, outros o seguiram de perto. Impacientada com as delongas inevitaveis n'esse julgamento espinhoso, não só difficil, certo dia (7 de abril de 1781) a rainha ordena de subito que os juizes se reunam immediatamente e não possam mais separar-se sem proferir a sentença. Por fim a po-

¹ O dominicano fr. João de Mansilha e fr. Manuel de Mendonça, cisterciense, foram tanto da intimidade do marquez de Pombal, que andavam emparelhados com elle na satyra popular—*Marquez, Mendonça e Mansilha*—Latino Coelho—*Hist. Pol. e Mil. de Portugal*, t. I, pag. 144—149.

bre senhora não poude com o governo do reino, e, sendo regente o principe D. João, veio a morrer doida, como todos sabem.

Citarei outro exemplo dos mesmos dias.

N'uma madrugada do verão de 1760 Joanna Barbara, casada, de quarenta annos de idade, ergueu-se da cama a gritar: — *Fujam todos! Está para se arrazar tudo! Vai succeder uma grande desgraça! Sebastião José quer matar el-rei!* E saiu para a rua com um filhinho ao collo e um Senhor Crucificado, dizendo que ia para a Madre de Deus, mas pouco se demorou, e tornando a casa poz-se a rezar o terço e a ladainha. Achando-se mais socegada pediu perdão a todos a quem tinha alvoraçado e desdisse-se de tudo, porque tudo fôra illusão de Satanaz por cujo perfido impulso romperá n'aquelle excesso. Depois entrou em casa de umas visinhas para fazer essa mesma declaração, e foi em seguida para a igreja do Menino Deus, onde commungou por se ter confessado dois dias antes. Esta mulher era sujeita a vexações e tribulações do demonio, e só com preceitos socegava. Um padre de Xabregas, que benzia muita gente, era quem a costumava benzer. Presa immediatamente por causa do desatino que praticara, foi conduzida à cadeia de Belem, e interrogada pelo desembargador José Antonio de Oliveira Machado, que deu cabo da vista e da lettra a escrever annos e annos n'essas interminaveis diligencias.

No auto de perguntas respectivo a Joanna Barbara lê-se o periodo seguinte: — «É que vendo ella respondente e ouvindo tantas queixas, tantas prisões e desasocegos, e na intelligencia de que de tudo era culpado o dito sr. conde (de Oziras), se confessava ao padre D. Lucas, de S. Vicente de Fóra, e este a reprehendia e lhe mandava encommentar-se a Deus e pedir-lhe por todos.» — Nas suas orações Joanna Barbara «pedira a Nossa Senhora que levasse para si o dito sr. conde, porque elle era a causa de tudo.»

ALBERTO TELLES.

ESTUDOS DE HYGIENE

II

Principios geraes

Cada ser vivo tem uma duração de vida absoluta, que não pode exceder.

Este termo é o resultado da disposição dos seus órgãos e das forças phisicas que elles são susceptíveis de conter, por isso que os órgãos, gastando-se, perdem a faculdade de conservar o principio da vida.

Todavia, por meio de cuidados intelligentes, é possível prolongar a sua existencia. Para isso, deve estudar-se bem a sua natureza e procurar o regimen que lhe convém.

O regimen naturalmente indicado para a maior parte dos seres, é a temperança e a sobriedade. Se á hygiene phisica se juntar a hygiene moral, quer dizer, a consciencia tranquilla, o coração alegre e o espirito satisfeito, trabalhar-se-ha poderosamente para o prolongamento da existencia.

O homem pode viver cinco vezes o tempo que leva a crescer. Quanto mais depressa se operar a sua formação completa, mais curta será a sua existencia.

Aquelle que segue habitualmente um regimen excitante, desenvolve-se muito depressa e chega mais cedo ao fim da sua carreira.

O que seguir um regimen apropriado á sua natureza, desenvolve-se mais lentamente e mais completamente, tendo todas as probabilidades de conservar as suas faculdades phisicas e moraes n'uma idade muito avançada, e podendo percorrer uma carreira mais extensa.

As naturezas fortes e robustas nem sempre são um *brevet* de longevidade, ao passo que vemos muitas vezes naturezas fracas chegarem a uma idade bastante avançada.

O individuo naturalmente dotado d'uma grande somma de força vital, se a sua vida tiver uma intensidade exaggerada, durará menos do que aquelle que, tendo menos força vital, levar uma vida menos activa.

Portanto, as causas debilitantes, as que diminuem a actividade da vida, tornam-se algumas vezes meios de a prolongar, em quanto que os fortificantes e os excitantes podem, em certas circunstancias, prejudicar a sua duração.

Devemos tambem considerar que o homem que se fia nas suas forças e na sua robustez, despreza muitas vezes as precauções hygienicas mais elementares, emquanto que o que reconhecer a fraqueza da sua constituição, foge de commetter a mais leve imprudencia.

Não se conclua d'estas premissas que o repouso e a inacção sejam uteis ao prolongamento da existencia; não ha como a actividade e o exercicio para tornarem a vida duravel.

A vida de todo o ser divide-se em tres periodos:

Periodo de crescimento;
Periodo d'estado estacionario;
Periodo de deterioração.

A vida

Tudo o que entra no nosso corpo deve tomar um caracter de vida, a fim de participar da nossa natureza. O que não fôr assimilavel, é regeitado.

A circulação conduz os succos nutritivos a todos os nossos órgãos, e cada um d'elles deixa ali o alimento que convém á sua natureza. Os principios dos ossos, dos nervos, dos musculos, do cerebro, dos pulmões, do figado acham-se todos no sangue. Para transmittir estes principios a toda a nossa economia, as palpações do coração e o movimento do sangue que d'isso resulta, repetem-se 100.000 vezes por dia. O sangue opera o seu circuito completo 25 vezes por hora, quer dizer 600 vezes por dia, com o unico fim de reparar as nossas perdas.

As partes fluidas do nosso organismo são as que se regeneram mais depressa: bastam quinze dias para reparar a perda de sangue mais consideravel, no estado normal.

Affirma-se mesmo que todos os elementos do nosso corpo mudam de tres em tres mezes, e que, decorrido este lapso de tempo, nos achamos formados de materiaes inteiramente novos.

As doenças e a morte natural proveem de duas causas:

1.ª A dissipação das substancias indispensaveis á natureza humana;

2.ª A caducidade trazida pelos annos.

Devemos pois cuidar, por meio d'uma excellente hygiene, de impedir uma e de retardar a outra.

A sciencia do passado e a sciencia do futuro

Os sabios do antigo Egypto,—não do Egypto tal como nós o conhecemos, pequeno paiz onde vivem apenas seis milhões de habitantes; mas do Egypto tal qual elle era antes da catastrophe planetaria que tornou a Africa n'um immenso deserto, e que tinha uma população de quarenta a cincoenta milhões de habitantes, — os sabios do Egypto, diziamos nós, professavam a sciencia de formar os corpos tão bem como os espiritos. Esses homens tinham estudado e descoberto o regimen que torna os espiritos solidos, os corpos robustos, as mulheres fecundas e os filhos vigorosos.

Esta sciencia perdida, e de que só a tradição nos revela a existencia, esta sciencia havemos nós de descobri-la, descobrimo-la já, em parte. E' apenas mister formar homens de boa vontade que a appliquem e a préguem aos outros homens.

Um dos seus principios é: «Taes são os alimentos, tal é o chylo, tal é o sangue, tal é o instincto, taes são as tendencias do homem.»

Tempos virão em que hade dizer-se á maneira de proverbio: «Dize-me o que comes, dir-te-hei quem és.»

Ha um outro principio d'esta sciencia, que nós não vimos ainda indicado em parte alguma, mas que nem por isso é menos fundamental, e que vamos tratar de formular aqui, por meio da seguinte comparação:

A observação fez conhecer aos medicos que não devem mandar purgar os seus doentes por occasião de trovoadas e de ventanias impetuosas, como por exemplo nos solisticios e nos equinoccios—quando a atmosphaera, em summa, está violentamente agitada.

A observação ensinou os donos das adegas a não encherem as pipas de vinho, nas circunstancias que vimos de indicar a respeito das purgas.

Foi ainda a observação que ensinou as cosinheiras a não confectionarem certos doces e certos molhos, em circunstancias analogas.

Etc., etc., etc.

Emfim, nós estamos convencidos de que se por ahi ha tantos seres rachiticos, quer no phisico quer no moral, é porque seus paes não attentaram nunca nos motivos que, sob certas influencias atmosphericas, impedem as cosinheiras de fazer os seus doces, os donos das adegas de encher de vinho as suas pipas, e os medicos de receitar purgantes aos seus clientes.

Procria-se a especie inconscientemente; no entanto, os órgãos estão dispostos ou predispostos para isso, segundo influencias e leis, que nos são ainda desconhecidas.

Importa pois que cada qual não se entregue a um acto tão sério como é o da procriação, quando esteja sob a influencia da contrariedade, da colera, da embriaguez, do desanimo ou de qualquer outro sentimento ruim, e por occasião de grandes perturbações atmosphericas.

Postos em pratica estes preceitos e os preceitos d'uma hygiene rasoavel, ficará em parte restaurada a sciencia dos Egyptos prehistoricos.



CONSELHEIRO ELVINO DE BRITO

O objecto do nosso capitulo seguinte será—a alimentação.

CASTOR.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 4)

VII

A doença do conde de Sendim

E por muito tempo os dois ficaram de joelhos ao lado do corpo immovel do conde de Sendim, com os olhos muito espantados, cheios de terror e de remorso, fitos no rosto medonhamente pallido d'aquelle que acabavam de atraioçar.

Por fim Antonina, depois de ter contemplado longamente a sua obra—porque comprehendeu logo que fôra a sua demora em acudir ao chamamento do conde, que occasionara aquella queda e consequentemente a morte do seu amante—tomou uma resolução.

As suas faces extremamente pallidas coloriram-se de sangue; pelos seus olhos embaciados passou um relampago de vida, e erguendo-se com uma estranha expressão, caminhou rapida e decidida para a secretária do conde, que estava no fundo do quarto.

Roberto olhava para ella, imbecilmente, sem comprehender o que ella ia fazer.

Antonina, com mão firme, abriu uma das gavetas d'essa secretaria, tirou de dentro um revólver e apontando-o á frente, desfechou-o.

Mais rapido que um relampago, Roberto ergueu-se e d'um salto estava ao lado d'ella, segurando-lhe com força herculea no braço.

E tão ligeiro foi no seu movimento, que chegou a tempo de desviar a pontaria de Antonina.

Ouviu-se a detonação, mas Antonina ficou de pé.

A bala foi bater no tecto, e rebochecendo, veio cahir ao pé do conde de Sendim.

Então, entre Antonina e Roberto travou-se uma lucta horriavel.

Ella tentava em vão desembaraçar-se das mãos que a seguravam com uma força prodigiosa; e na sua allucinação de suicida, luctava ferozmente, com uma violencia inesperada.

No ardor da lucta, na furia do esbravejamento, o revólver disparou-se de novo.

Ouviu-se outra detonação e a bala partiu ao acaso.

E logo a seguir a essa detonação, ouviu-se um grito dilacerante e o ruido de um corpo cahindo pesadamente no sobrado.

A esse grito, os dois cessaram de luctar e olharam para a porta...

E ficaram immoveis, como que fulminados, pelo que acabavam de ver...

IX

Uma desgraça nunca vem sosinha

Elisa, arrancada de repente á quietude tranquillã do seu convento, para assistir á dolorosa agonia de seu pae, e vencida, esmagada por todos as variadas commoções que em poucas horas tinham feito vibrar todo o seu ser, dominada pela força poderosa do calmante que os medicos lhe tinham applicado para a fazer repousar, dormia tranquillã no leito da governante do conde de Sendim, sem suspeitar sequer do drama obsceno que a dois passos d'ella, quasi que aos pés do seu leito, se estava passando.

Subito, no meio do seu somno calmo, a detonação estrepitosa do primeiro tiro de revólver accordou a alvorçada.

Ao principio julgou que esse tiro fôra ouvido em sonhos, fôra filho da sua imaginação violentamente excitada por todos os acontecimentos da noite.

E sentando-se na cama, poz-se a escutar.

No palacio reinava o profundo silencio da noite, e no meio d'esse silencio, Elisa ouviu distinctamente o ruido surdo da lucta terrivel que no quarto de seu pae se travava entre seu irmão e Antonina.

A governante do conde e Roberto não fallavam, mas no silencio enorme ouvia-se o arfar das suas respirações offegantes, e as imprecações que ás vezes os labios não conseguiam afogar.

E essas imprecações que ella ouvia, esses pequenos gritos dilacerantes que de vez em quando chegavam aos seus ouvidos attentos, intrigavam-n'a enormemente.

Ergueu-se, e semi-nua, em camisa, descalça, esteve um momento em pé no seu quarto, no meio das trevas a escutar, a inquerir d'onde vinha aquelle ruido, o que vinha a ser...

No ardor da lucta, que se prolongava demoradamente sem que a victoria pendesse para algum dos lados, Antonina e Roberto, esbracejando, agarrados um ao outro, luctando como dois gladiadores, fizeram cahir ruidosamente umas cadeiras que encontraram no seu caminho.

A bulha d'esses moveis cahindo no chão, orientou Elisa ácerca do sitio d'onde vinha o ruido que ouvia.

Era no quarto do seu pae, não havia que duvidar.

E cheia de curiosidade e de cuidado, attribuindo logo esse ruido a seu pae ter peiorado, sahiu para o corredor, e dirigiu-se rapida e assustada, atravez da escada, para o quarto do conde de Sendim.

Quando ia a transpor a porta, disparava-se, ao ardor da lucta de Roberto e de Antonina, o revólver que esta tinha na mão.

A bala partiu, e em tão má hora que, ao entrar no quarto, Elisa recebeu-a no hombro direito.

E a surpresa, o terror, e ao mesmo tempo a dôr physica que sentiu, fizeram-lhe soltar aquelle grito terrivel, que respondeu como um echo á detonação do revólver, e Elisa cahiu no chão banhada em sangue...

Ao mesmo tempo as criadas e os criados do palacio, accorridos, estremunhados pelo ruido do primeiro tiro, tinham-se posto em pé, intrigados, sem saber o que era aquillo, chegando mesmo a imaginar que a detonação viera da rua...

Ao segundo tiro, porém, perceberam todos que era dentro de casa, nos aposentos do conde, e dirigiram-se immediatamente, em massa, ao quarto do seu amo...

E vieram tão depressa que chegaram quasi no momento em que Elisa cahia ferida...

O espectáculo que os seus olhos, ainda mal abertos do somno quebrado em meio, viram, era realmente inesperado.

No chão do quarto jaziam dois corpos immoveis, inanimados, banhados em sangue: ao pé da porta o corpo de Elisa semi-nua, com o sangue a correr-lhe em jorros pelo collo e pelos braços: do outro lado do quarto, para lá do leito, o conde de Sendim, tambem meio nu, como estava deitado, cahido no chão, tão pallido já que parecia de cera, tendo a cabeça deitada n'uma larga poça de sangue coalhado; e no meio da casa, em pé, immoveis, um ao lado do outro, Roberto, com o olhar espantado, fixo, como o d'um cataleptico, e Antonina, meio despida, com os cabellos loiros desgrenhados e uma expressão allucinada, quasi que imbecil.

Passado o primeiro momento d'espanto e de terror, os criados invadiram o quarto, dirigiram-se ao sitio onde estava o conde, ergueram-n'o e deposeram-n'o como um corpo morto sobre o leito, que começou logo a manchar-se todo de sangue: as criadas tinham corrido a acudir a Elisa, que voltando a si, abria os olhos e dizia com voz sumida, tentando sorrir:

—Não é nada, isto não é nada... estou já melhor.

E o sangue continuava a correr, em jorros, da sua ferida.

Então Antonina, como que despertando ao ver aquella gente toda, ao ouvir a voz d'Elisa—a primeira que cortou o silencio lugubre que passara n'aquelle quarto, que parecia theatro d'uma scena ultima de tragedia shakespeareana—voltou a si, teve consciencia da realidade, e abanando a cabeça como que para despertar de todo, olhou para Roberto o tocou-lhe no braço.

Roberto teve um estremecimento nervoso, como que se acordasse d'um pezadello horriavel.

(Continúa).

GERVASIO LEBATO.

MADRIGAL TRISTE

(A JOAQUIM D'ARAUJO)

Adoro-te, lyrio santo,
revejo-me em tua imagem!
E's bella e triste! e o teu pranto
dá-te á frente mais encanto,
como o regato á paysagem.

Mais te adoro, se a alegria
sai do teu rosto nevado;
se te invade a m'lancolia,
e te cerca a noite fria
das lembranças do passado!

Teu brando olhar indolente,
—vasto oceano d'amargura—



OTRA! OTRA!

é mais bello e refulgente
quando o banha, persistente,
o pranto da desventura.

Aspiro então, flôr divina,
nos soluços do teu peito,
uma essencia grata e fina;
e crês que elle se illumina,
todo em lagrimas desfeito...

Eu sei que o teu coração,
calcinado pela dôr,
é como acceso vulcão
d'onde explue a maldição,
o desespero e o terror!

Mas consola-te, creança,
eu tambem sou desgraçado!
O teu amor é que lança
n'este peito a doce esperança,
como um balsamo sagrado.

Como tu, amo a tristeza
e procuro a solidão...
O estranho brilho, a belleza
do teu olhar de princeza
dá-me luz na escuridão.

E essas lagrimas ardentes,
que vejo inundar te a fronte,
são como estrellas luzentes
que me conduzem, gementes,
por um limpido horisonte!

Adoro-te, lyrio santo,
revejo-me em tua imagem!
E's bella e triste! e o teu pranto
dá-te á fronte mais encanto,
como o regato á paysagem.

Agosto,—1887

SILVA FERRAZ.

O SONHO DE EDDISON

Adormecera sentado.

A chuva caia lá fóra com esse ruído triste peculiar aos paizes do norte: no emtanto, elle dormia como que acalentado por esse som plangente.

Ali perto viam-se amontoados innumerados infolios de respeitavel vetustez, em franca camaradagem com as magnificas e lúxuosas encadernações de livros modernos.

Na phisionomia do dormente gravava-se o duplo cunho da velhice deixada pela idade e pelas vigílias do estudo—aspecto venerando de um sabio.

Errava nos seus labios um sorriso, como se nos seus sonhos adjasse ao de leve algum pensamento acariciador.

A meio do aposento, um candieiro espalhava vagos clarões amortecidos, ao lado de uma lampada electrica que parecia esperar apenas a ligeira pressão de um botão de marfim para inundar de luz viva aquelle recinto semelhante á habitação de um bruxo, mas de um bruxo do seculo XIX.

Havia ali de tudo—pelles inteiras de gatos negros, pedaços de papel pardo, almofadas verdes, e mil outros objectos empregados para o desenvolvimento da electricidade.

Havia machinas com pés de vidro, discos brilhantes e conductores que reluziam. Uma pilha de Volta mostrava a sua valente bateria alinhada, de que partiam centenas de arames presos nos extremos a outros tantos artefactos. Telegraphos de quadrante, de Morse, de Hughes e de todos os systems conhecidos serpenteavam pelas paredes. Sobre a meza de trabalho agglomeravam-se discos, fio, bobinas, receptores, infinidade de objectos de ambar, de cautchouch, de turmalina, de metaes diversos, tudo de feitos raros e de applicação desconhecida.

O sabio adormecera, repetindo com De Maistre:

—A electricidade é necessaria ao mundo como o fogo e a luz.

E aquelle tropel confuso de idéas sobre electricidade vitrea e resinosa, e extatica, e dinamica, e atmospherica, e medicinal, e os nomes de Gilbert, Gallabert, Achard, Hawkabée, Winklen, Otto de Guericke, Symmer, Gray, Wheeler, Galvani e de tantos outros dos primeiros reveladores da electricidade, sumiram-o n'um sonho, n'um lethargo delicioso povoado de visões e aparições a quem saudava como se fossem amigos velhos.

De repente algumas d'essas sombras principiaram a mover-se e vieram tocar na fronte do sabio.

E uma das sombras disse:

—Tu acaricias uma idéa que nos seduz a nós, que, desde outros mundos remotos, nos interessamos pelos progressos d'este.

—Assim é, murmurou o sabio.

—Talvez te esqueças de que as mais transcendentés descobertas se devem ao acaso. Eu proprio subi um dia ao alto d'um monte com uma esphera que fiz acercar d'uma nuvem negra. Na esphera havia uma hastesita de ferro terminando em ponta, e um fio metalico. Da nuvem brotou então uma chispa electrica, que desceu ao logo do fio e que produziu como que uma especie de trovão longinquo.

—E's Franklin! Novo Prometheu, tu roubaste o fogo aos céos! As gerações futuras bemdirão o teu nome!

—Deus não creou o raio, nem creou a electricidade para o morte, mas sim para vida, continuou a sombra. Por isso illumina alguns predestinados para que os utilizem. Cada descoberta é um novo passo na senda do progresso. Eu não fiz mais do que utilizar as descobertas anteriores: tu farás o mesmo. O medico inglez Gilbert encontrou a electricidade na resina, no ambar, na turmalina e nas pedras preciosas. Gallabert achou-a nas substancias betuminosas. Achard, na agua congelada á temperatura de 20° Reaumur, abaixo de zero. Hawkabée foi o primeiro que empregou tubos e globos de crystal para a desenvolver. Winklen, o primeiro que empregou as almofadas.

«Otto de Guericke o primeiro que viu que dois fios parallelos, suspensos de um conductor electrico, se repelliam mutuamente. E Gray e Wheeler, assente já a hypothese de Symmer, os primeiros que observaram que os metaes, collocados sobre pés de vidro, se electricavam com a fricção, como a resina e o ambar. Dado este primeira passo, descobriu-se o poder das hastes de ferro, formaram-se os conductores, inventou-se a garrafa de Leyde e chegou-se a outra importante descoberta...»

—Chegou-se effectivamente—acrescentou a segunda sombra—mas por acaso. Eu observei os movimentos convulsivos de uma rã...

—Salve, Galvani! exclamou o sabio.

—E pondo em contacto os nervos com os musculos por meio de um arco metalico, descobri a electricidade animal.

—Mas eu—interrompeu terceira sombra—attribui isso ao contacto dos metaes differentes, o que me levou a inventar um electrometro formado por uma serie de placas de zinco e de cobre e de rodellas de panno embebidas em agua ou n'uma dissolução alcalina entre tres tubos de crystal—electrometro que conheceis e que hoje applicaes com a pilha do meu nome.

—Sim, illustre Volta, disse o sabio. A tua pilha é a fonte inexgotavel de onde nascem os rios da electricidade.

—Pois bem, continuou a sombra. Da descoberta em descoberta cheguei a observar que o ar atmospherico, mesmo sem nuvens, está sempre carregado de electricidade positiva—Lemonnier dictou depois as suas leis—e que a terra encerra a electricidade negativa, como verifiquei.

—E essas experiencias terminaram com a tua vida, tu que foste um dos martyres da sciencia. Mas ao illuminar-te Deus para a investigação do pára-raios, demonstrou que o raio não é o signal da sua ira ou da sua colera.

—Podendo uma faisca seguir um arame... não foi preciso mais nada: descobriu-se o telegrapho. O sabio genovez, Lesage, imaginou o primeiro, mas rudimentar, servindo-se da electricidade extatica e de uma machina electrica como motor.

—E' certo, affirmou a sombra de Volta. A minha pilha data do anno 1800; e só em 1811 foi applicada por Sommering.

—Mas o telegrapho de Lesage tinha um fio para cada letra e era de uso difficil. Ersted indicou o desvio da agulha sob a acção das correntes electricas, e Ampère inventou então um systema de telegraphia. Ronalds fez, em 1823, um telegrapho de quadrante, que o barão Schilling aperfeçoou, e o numero de fios foi reduzido a cinco.

«Morse inventou, em 1833, o seu telegrapho, Breguet o de quadrante de cifras e letras, e Hughes, por ultimo, o da transmissão continua. Vê-se por isto que as applicações dos primeiros inventos são apenas os corollarios deduzidos de um theorema demonstrado, e as descobertas recentes os fuzis da eterna cadeia das descobertas.

A quarta sombra fallou:

—Sim. Está reservado a ti, com a tua assiduidade ao trabalho, continuar e aperfeçoar as applicações da electricidade: N'esse numero entra um dos meus inventos. Propuz-me estabelecer a correspondencia directa entre duas pessoas distantes por meio de sons, e inventei para isso um aparelho a que dei o nome de telephone.

—Foste meu contemporaneo, disse o sabio. Morreste em 1862. A tua patria foi a França; o teu nome Francisco Sudre.

—O meu telephone era para uma lingua musical ou acustica. Empreguei primeiro sete, depois cinco, e mais tarde tres notas; e cheguei a servir-me de uma só, e até de uma campainha e de um tambor. Empregou-se esse systema nos navios entre si: era uma descoberta em embryão. Tu vives n'uma epocha em que as descobertas se succedem com rapidez vertiginosa. O mundo caminha, e ainda que lenta, é continua a marcha do progresso. As applicações de cada invento são infinitas. N'este caso está a electricidade com que escribes as tuas cartas, com que allumas a tua casa, com que forjas os teus aparelhos de segurança, com que curas as tuas enfermidades. Com ella fallarás, e com ella um dia, porventura, sulcarás os espaços...

—Fallar! exclamou o sabio dormente. E' esse o meu ideal é esse o meu sonho!

—Has de realisar-o, disse a sombra. Não esqueças que da coisa mais trivial podem nascer descobertas importantes, e que a tua pode depender da applicação das leis da acustica ás da electricidade...

O sabio continuou sonhando com aquellas leis, desde as conhecidas nas *scilas dos segredos* até ás applicadas a esses pedacitos de cannas unidas por cordeis que têm servido tantas vezes em certos dialogos nocturnos para os andares altos...

Quando despertou, poz a mão trémula sobre um botão de marfim. As sombras sumiram-se. Principiou então um trabalho mysterioso, e dias depois o seu invento assombrava o mundo: o telegrapho annunciou a descoberta do telephone...

Se outros titulos de gloria não tivesse o seculo XIX, elle seria immortal perante a historia com a descoberta do telegrapho e do telephone—essas duas grandes applicações da electricidade, fluido universal, alento da terra, espirito do ar e alma dos mundos...

LUIZ COLL.

AS NOSSAS GRAVURAS

ALFREDO KRUPP

PROPRIETARIO DA FABRICA DE CANHÕES DE ESSEN

Damos hoje o retrato de Alfredo Krupp, proprietario e director da fabrica e fundição de canhões do seu nome em Essen (Dusseldorf, Prussia), que falleceu no dia 14 de julho proximo passado, com 75 annos de idade.

A grandiosa fabrica de Essen foi fundada em 1810 por Frederico Krupp, pae do fallido, e tomou, dirigida por este, um desenvolvimento espantoso, fornecendo de famosos canhões d'aço todas as nações do mundo.

O primeiro *krupp* de 45 toneladas que appareceu, foi construido em Essen, no anno de 1848, sob a immediata direcção d'Alfredo Krupp, que fez brilhantemente os seus estudos de engenheiro industrial e visitou as primeiras fundições de Inglaterra e Austria antes do fallecimento de seu pae. Na Exposição Universal de Paris, de 1862, figurou um outro *krupp* d'aço, de 100 toneladas, construido no mesmo estabelecimento, que chamou muito a attenção das commissões militares internacionaes que estudavam n'aquelle concurso os progressos da industria militar. Na guerra de 1870 demonstrou-se praticamente a superioridade dos canhões Krupp sobre os dos outros systemas, e desde então quasi todas as nações os adoptaram.

E' impossivel, no curto espaço de que dispomos, descrever o magnifico estabelecimento que Alfredo Krupp dirigio pessoalmente até ha doze annos: é uma verdadeira cidade onde trabalham 20.000 operarios, sob a direcção de engenheiros intelligentissimos. Ali se construe desde a ferramenta que abre sulcos na terra, até á colossal machina de guerra que vomita projectis mortiferos.

A fabrica de Essen está sendo dirigida pelo filho mais velho de Alfredo Krupp.

O finado, a quem chamavam o *rei dos canhões*, era um velho venerando, de elevada estatura, rosto sympathico emmoldurado em bella barca branca, olhar vivo e penetrante.

O imperador da Allemanha consagrava-lhe particular estima e quiz encher-o de veneras e honrarias, o que elle recusou sempre.

O CONSELHEIRO ELVINO DE BRITO

Um exemplo vivo do que pode uma vontade energica, allia-da a um espirito culto e a um genio emprehendedor e activissimo.

Em 1880, viamol-o apenas engenheiro civil, deputado por S. João da Pesqueira e secretario particular do fallecido estadista Saraiva de Carvalho. Não tinha ainda trinta annos.

Pouco depois, era seccessivamente primeiro official do ministerio das obras publicas, chefe interino da repartição de minas, chefe da repartição de estatistica e da repartição de industria

d'aquelle ministerio. Mais tarde—não muito—vimo-l'o nomeado director geral do commercio e industria, conselheiro, gran-cruz da real ordem de Santa Izabel, de Hespanha, e ultimamente, pela reforma do ministerio das obras publicas, director geral de agricultura e secretario geral do mesmo ministerio. Além de tudo isto, conquistado aos 35 annos de idade, o conselheiro Elvino de Brito é, desde a ultima reforma havida no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, lente cathedratico da cadeira de algebra superior, geometria analytica e calculo differencial e integral d'aquelle estabelecimento de instrucção, e representa em côrtes um dos círculos da India, sua patria.

De resto, já foi indigitado para ministro da marinha, em 1886, e ha de chegar a sobraçar aquella pasta, porque querer é poder, e o joven conselheiro goano quer, sendo auxiliado na sua vontade firme por uma boa estrella que nunca o desampara.

O sr. Elvino de Brito veiu da India para Lisboa em 1868, no posto de 1.º sargento aspirante a official e habilitado com o curso da extincta escola mathematica e militar de Goa, onde fôra sempre alumno distincto. Abandonou porém a carreira das armas e matriculou-se na Academia Polytechnica do Porto, no curso de engenharia civil, obtendo em todos os annos o primeiro premio pecuniario.

Como fosse pobre, e seu pae mal podesse auxiliá-lo, Elvino de Brito teve de vencer enormes difficuldades. Mas a sua força de vontade era, como é hoje, de uma tenacidade extraordinaria. Fez-se leccionista de mathematica em collegios e casas particulares, e assim auferiu, durante os cursos, os meios necessarios para os concluir.

Apenas acabou, em 1876, os cursos de pontes e estradas e minas, que frequentou cummulativeamente, foi nomeado engenheiro do ministerio das obras publicas e servia na construcção do caminho de ferro do Douro, quando recebeu convite do governo para dirigir a expedição technica de obras publicas destinada á provincia de S. Thomé e Príncipe, sendo pouco depois nomeado, por decreto, director das obras publicas da mesma provincia. Voltando da Africa, serviu ainda, como engenheiro, na direcção das obras publicas de Villa Real e, como adjuncto, na direcção da fiscalisação do caminho de ferro da Beira Alta, dando em todas estas commissões provas de aptidão e intelligencia.

Em seguida, lançou-se na vida politica, guiado por Saraiva de Carvalho, e guindou-se até conselheiro, e guindar-se-ha até ministro. O caso é elle querer.

OTRA! OTRA!...

Basta olhar para a gravura, para se ver que estamos em Hespanha.

Personagens do quadro:—duas *majas* e um *torero*.

Uma d'ellas, a mais bonita, entoa *peteneras*, acompanhando-se á viola. A outra, bate as palmas cadenciadamente, soltando de momento a momento um *olé vivo*, entusiastico. E le, o *torero* feliz e enamorado, que acabara de matar na arena um boi retincto, delicia-se com a voz de *su querida*, e vae emborcando copos de Manzanilla, ao mesmo tempo que pede mais *peteneras*:

—*Otral Otral*...

Parece que estamos a ouvir-a suspirar melancolicamente ao som do violão:

*Dos besos tengo en mi alma,
Que no se apartan de mi:
El ultimo de mi madre
Y el primero que te di.*

E elle, o *diestro*, a bradar-lhe sempre:

—*Otral Otral*...

MODAS

(1) TOILETTE PARA CASINO. Saia de *etamine*, guarnecida na frente de tres folhos de renda larga, com *draperie* que se prolonga, formando segunda saia na parte inferior. Corpete guarnecido de duas rendas, applicadas em forma de fichu. Capota de gaze, enfeitada com duas azas de pombo e um ramo de *forget me not*.

(2) TOILETTE PARA PASSEIO. Saia de lã de quadrados, armada em machos; segunda saia lisa, aventalada na frente, em *carré*, e a panhada atraz; corpete de lã lisa, cortado em decote quadrado



(1)

MODAS

(2)

1216

sobre meio corpo de lã de xadrezes; uma facha prende ao hombro e vem, em diagonal, terminar na cintura, rematando com dois laços; laço na segunda saia, ao lado. Mangas guarnecidas de renda e laços de fita. Chapéo de palha redondo, enfeitado com um molho de flores silvestres e uma alcachofra de laços de fita.

A VOLTA DO SENHOR DA SERRA

Elles ahí vêm que se os furassem haveria um diluvio!

Fizeram parte da turba-multa que foi merendar á quinta do Marquez, com o estomago vasio e a algibeira cheia, e voltam de lá com a cabeça quente e os nervos desafinados. Vêm puchados por um arenque a que sem irreverencia se póde chamar um milagro. Esteve já de graça nas mãos de um esfola, condemnado a transformar-se em adubo, e poz-se em pé com quinze dias de mangedoura e um emplastro confortativo no peito.

O vehiculo, guindado provisoriamente ás alturas de carro de triumpho, andou toda a semana ao fanico, e se não fosse o colchão que lhe serve de reparo, deixaria escoar pelas fendas as ossadas dos festivaes romeiros.

Dentro vão tres legitimistas, não de nenhuma dynastia des-thronada, mas do vinho de Torres, antes de constitucionalisado pelas mãos impias do almocreve. O Icaro, que pretende guiar o animalejo que puxa o carro, é visinho e amigo dos tres patuscos que repotrém lá dentro. Se pôz barrete e se se deixa ir á fresca, na comica posição em que a gravura o representa, foi porque reconhece a incompatibilidade entre o ordeirismo da jaleca e a intransigencia dos pregos que ouriçam a nesga da cabeceira do carro, reservada para as suas evoluções de cocheiro.

Os de dentro são cunhas do mesmo pau: uma dóse da vida airada, que comem para terem pretexto de beber depois, que bebem como bons contribuintes, para justificarem a importancia do imposto de consumo.

O de chapéu alto é casado com a partidaria do amor livre que leva ao lado, capellista habilitada a que dão no goto as faccias da companhia, que em attitude de prégar o sermão de S. Martinho, mostra triumphante, a quem passa pela estrada, a duodecima garrafa que despejou durante o dia. O chapéu garibaldino de que usa o acocorado orador, é n'elle denuncia de opiniões politicas menos arreigadas que o seu amor á pinga e á mulher do proximo.

O terceiro companheiro, que mal pode já levantar o braço direito, representa n'esta comedia o papel pouco invejavel da raposa do apologo. Vê no ar não as uvas verdes, mas a garrafa fadida, que as representa, e já se não sente com forças para lhe lançar a mão.

Da vez em quando a mulher fita os olhos na sua pobre coberta transformada em docel, e, vendo-a manchada de nodos, abaixa-os para o colchão que tapeta o carro, vê-o de todo perdido com a poeira, tornado lodo pelas cascas de melancia, e solta um suspiro abafado, que o marido interpreta como uma reminiscencia de ha trinta annos atraz.

A festa do senhor da Serra é, de todas as romarias dos arrabaldes de Lisboa, aquella em que as consciencias menos se incommodam, e mais lucram os estomagos. He familias que almejam pelo ultimo domingo de agosto, como no purgatorio se devem invejar os resplendores da bemaventurança.

Saudemos pois aquelles que, ao menos uma vez por anno, encontram, como na nossa estampa, um martyr que os leva são e salvos a logar onde se gosa de tão ineffaveis delicias.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas novissimas

(EM ACROSTICO)

—1, 2—

▶ vante, decifrador!

▶ não julges difficultosa
 ▶ ou difficil de matar
 ▶ não modesta producção.
 ▶ chave tu has de achar

▶ fazendo um pequeno esforço,
 ▶ estudando com vontade,
 ▶ buscando os manuaes;
 ▶ então, com facilidade,

○ conceito, lidador,

▶ saberás, é bem verdade.
 ▶ indagando livros mil,
 ▶ sendo velhos alfarrabios,
 ▶ enganarás este ardil.
 ▶ não desanimes! A rante!
 ▶ continua com ardor!
 ▶ indaga bem se decifras
 ○ conceito, lidador!

Porto.

M. M. & M.

Charada em verso

Bebida—1
 No Pará—1
 Generosa—1
 Aqui está.

LUDOVICUS.

Charada conimbricense

1.ª Vert. Tem dez mil alminhas,
 —Aqui lh'o assevero,—
*E bien guapas niñas,
 Con mucho salero!*

2.ª Sou humilde folha,
 Em bouquets não brilho...
 Não ha quem me colha,
 Triste é o meu trilho.

1.ª Hor. Não tenho finura,
 E é muito provavel
 Que seja bem dura...
 'té insupportavel.

2.ª Eu de imperadores
 Tenho larga lista,
 Mudei de senhores,
 Hoje sou papista.

1.ª Diag. —Não quero palestral
 Ouviu, meu menino?
 Olhe que sou mestra
 Na Escola Calino!

Vá, vá, com presteza,
 Papar o jantar;
 Pode ir para a meza,
 Que eu lá heide estar.

MATHEUS JUNIOR.

Logogripho

O meu todo é apozento } 2, 7, 6, 5, 7.
 Em geral mui ostentoso, }
 Que revela um algarismo } 2, 1, 3, 4.
 De si pouco numeroso. }

Sem ser Laura, nem Elvira,
 Nem Eliza, ou Felismina,

Representa o logogrifo
Este nome de menina.

AYRES DA SILVA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVÍSSIMAS: — Feliciano—Versado—Prima—
Caleça—Veleira—Valia—Leria—Severo.
DA CHARADA MAPPA: —

| | | |
|----|----|----|
| xa | ro | pe |
| ro | ma | no |
| pe | no | no |

DA CHARADA EM VERSO: — Carapau.
DOS LOGOGRIPOS: — Gonçalves Crespo—Incorrigibilidade—
Rei Chiquito.
DO ENIGMA: —

BENEDICTA NOX

Amo-te muito, oh noite, e sabes a razão?...
Pois sempre te hei-de amar.
Eu já não tenho mãe, e a tua solidão
E' que m'a vem mostrar!...

E' quando sobre nós, ha muito já que estendas
A veste escura e franca,
Que eu vejo a minha mãe, appar'cendo entre os duendes,
Qual pomba muito branca!...

A BRANCA.

A RIR

—Agradeço-lhe profundamente reconhecido, doutor, o reme-
dio que me receitou.
—Produziu-lhe effeito?
—Excellent!
—Quantas vezes o tomou?
—Nenhum, mas dei-o a tomar a minha sogra, que morreu
duas horas depois.

Um sujeito lia um jornal diante de Calino:
«O sr. F. ficou muito ferido na mão direita, por causa do cão
da sua espingarda que...»
—Pobre homem! interrompeu Calino; olha se o cão estava
dampado!...

Ha mentirosos que dizem mais verdades que alguns sujeitos
que não mentam nunca.

UM CONSELHO POR SEMANA

GARGAREJOS CONTRA AS APHTAS

Alumen, 4 grammas; mel rosado, 50; rosas vermelhas, 10;
agua fervente, 250.

Deixam-se as rosas de infusão, meia hora, na agua a ferver,
côa-se e junta-se-lhe o alumen e o mel rosado.

A MISSA NOVA

Praia e campo ao mesmo tempo, não havia, nas ilhas, aldeia
mais graciosa nem mais poetica, d'essa doce poesia virgiliana,
simples e alegre.

A praia magnifica, com o seu vasto areal deserto, cor de
chumbo, docemente lambido do mar. As garças cortando a am-
plidão azul com as niveas azas triangulares. O marulho das vagas
subindo gradualmente no preamar. Creanças nuas, tostadas do
sol, correndo na areia quente.

Ao longe, uma cortina de muro em derrocada, restos de um
fortim de 1830, por occasião da tomada das ilhas pelo conde de
Villa Flor. Fóra do alcance das ondas, canôas de pesca, varadas
no areal e pintadas de cores folgasãs. Além, o povoado. Meio cento
de casas; a igreja pequenina, branqueada a cal, e o cemiterio ao
lado, com o seu portão vermelho sobrepujado por uma cruz de
ferro fundido.

Mas o que tornava encantador e vivo este mixto de praia e
campo, era o duplo character de pescadores e camponeses, dos
seus habitantes, o que, de resto, é trivial nas ilhas dos Açores,
que não são mais do que estreitas cristas de montanhas, pertencen-
tes a um continente submergido na ultima convulsão cosmica,
da qual se levantaram os actuaes continentes.

Os portos de mar bordam aquellas ilhas estreitissimas e alon-
gadas, fazendo dos seus habitantes uns sonhadores e uns aventu-
reiros.

No logarejo de que vimos fallando, denominado: *O areal
quente*—ia, no momento a que nos referimos, uma viva animação.
Os pescadores haviam largado as redes e os barretes do mar, que
lhes dão o bonito aspecto de napolitanos, e tinham posto as vas-
tas e solidas carapuças de panno fino azul ferrete com colchetes
de prata e um cabeção caído sobre os hombros e a nuca, resguar-
dada a frente por uma pala enorme, em feitio de meia lua con-
vexa.

Nos peitos cabelludos e vigorosos alvejavam as camisas de
gala, fortemente aniladas e passadas a ferro, muito bordadas na
dianteira e no collarinho voltado. Ausencia completa de gravata.
Jaqueta e collete de briche com botões de vidro cor de fogo. Cal-
ça de estopa branca e os pés descalços.

As raparigas, de um porte altivo, vestindo um corpete branco
de cambraia e saia de merino azul celeste, muito rodada e enfei-
tada com fita de velludo preto, de um centimetro. Os dedos
cheios de aneis d'ouro, e dois ou tres cordões ao pescoço com
um equeno coração esmaltado, pendente. Nas orelhas, grandes
arrecadas arabes. Por cima dos hombros, um chale de lã portu-
guez, roxo-escuro, com grandes quadrados de um verde esba-
tido. Descalças como os homens.

A festa que prendia todas estas creaturas, provinha de uma
missa nova, que fóra celebrar á igreja do logar um filho do tio
Carreiro, que o morgado S..., seu padrinho, tivera a famosa
idéa de mandar para o seminario d'Angra.

Uma missa nova é um acontecimento muito importante para
aque'les povos, que amam a igreja, porque não teem outra dis-
tracção, a não ser as festividades.

O rapaz, ordenado na ilha Terceira pelo bispo dos Açores,
quiz dar um alegrão aos seus conterraneos e mostrar-lhes que a
sua nova posição não o tinha ensoberbecido, levando-o a esque-
cel-os.

Tudo se preparou para a festa estrondosa, não faltando o
competente jantarão na casa paterna, a expensas do morgado.

Se a igreja, porém, tinha feito do joven pescador um dos
seus sagrados ministros, não lhe havia podido arrancar o cora-
ção. O novo presbytero amava! E amava com a paixão desen-
freada da juventude, com a loucura dos seus vinte annos, a mais
formosa rapariga do logar.

Eram amores desde os quinze annos, da epoca de estudante,
quando vinha a férias. A ausencia, o estudo e—cousa extraordi-
naria!—a vocação, não tinham feito senão augmentar aquelle amor.

Ella, louca por elle, jurara-lhe que nunca pertenceria a ou-
tro, sem se lembrar—a desgraçada—da carreira que elle preten-
dia seguir. Coisa notavel! O João, que estremecia devéras a sua
namorada, como dizia descaradamente, nunca pensou em largar a
batina de seminarista, para se unir á Maria pelo casamento.

E' que elle, como tantos outros rapazes, inclinara se á car-
reira ecclesiastica, como um meio de ganhar a vida com commo-

didade e consideração. Depois, o padrinho é que lhe indicara aquella carreira como a mais elevada a que podia aspirar. E é bom lembrar que era sua senhoria quem pagava as despesas. Diante de tão generosa oferta, tinha o direito de escolher? Mas escolher o que? Ir para Coimbra? para Lisboa? Ser medico, advogado, engenheiro? Como podia elle, pobre rustico, sem outro horizonte senão o mar, sem outra inspiração senão o campo, pensar essas bonitas cousas?

Por isso se deixou vogar á mercê do destino, sem sobresaltos e sem anciedades. Chegou o grande dia e elle viu-se padre. E cheio de orgulho, disse a sua missa nova, como introito a um phalange d'ellas.

Foi só quando a rapariga o viu passar, glacial e impertigado na sua samarra negra como um caixão de defuntos, que comprehendeu toda a extensão do seu infortunio. Já não era o mesmo rapaz folgasão. Tinha a compostura pretenciosa de quem ambiciona uma mitra; o olhar largo dos indifferentes; o tom carrancudo dos egoistas.

Elle, que corria atraz d'ella como um doido, pela praia, tinha agora o andar solemne de quem leva o Senhor exposto. Até a voz adquirira o diapasão desagradavel des mestres de meninos. Era horrivel. Só lhe faltava vel-o puxar o vasto lenço de Alcobaça e a concomitante caixa de mazalipatão. Era o desabar de todos os seus sonhos de creança.

A Marias estava maluca de despeito e desespero. Elle, que

Mas apenas saiu da igreja, desatou a fugir para casa. Chamou um irmão pequeno e disse-lhe:

—Vae a casa do tio Carreiro, aproxima-te do padre João e dize-lhe ao ouvido que em sendo meia noite em ponto o espero na Grotta Funda.

O pequeno partiu como um raio.

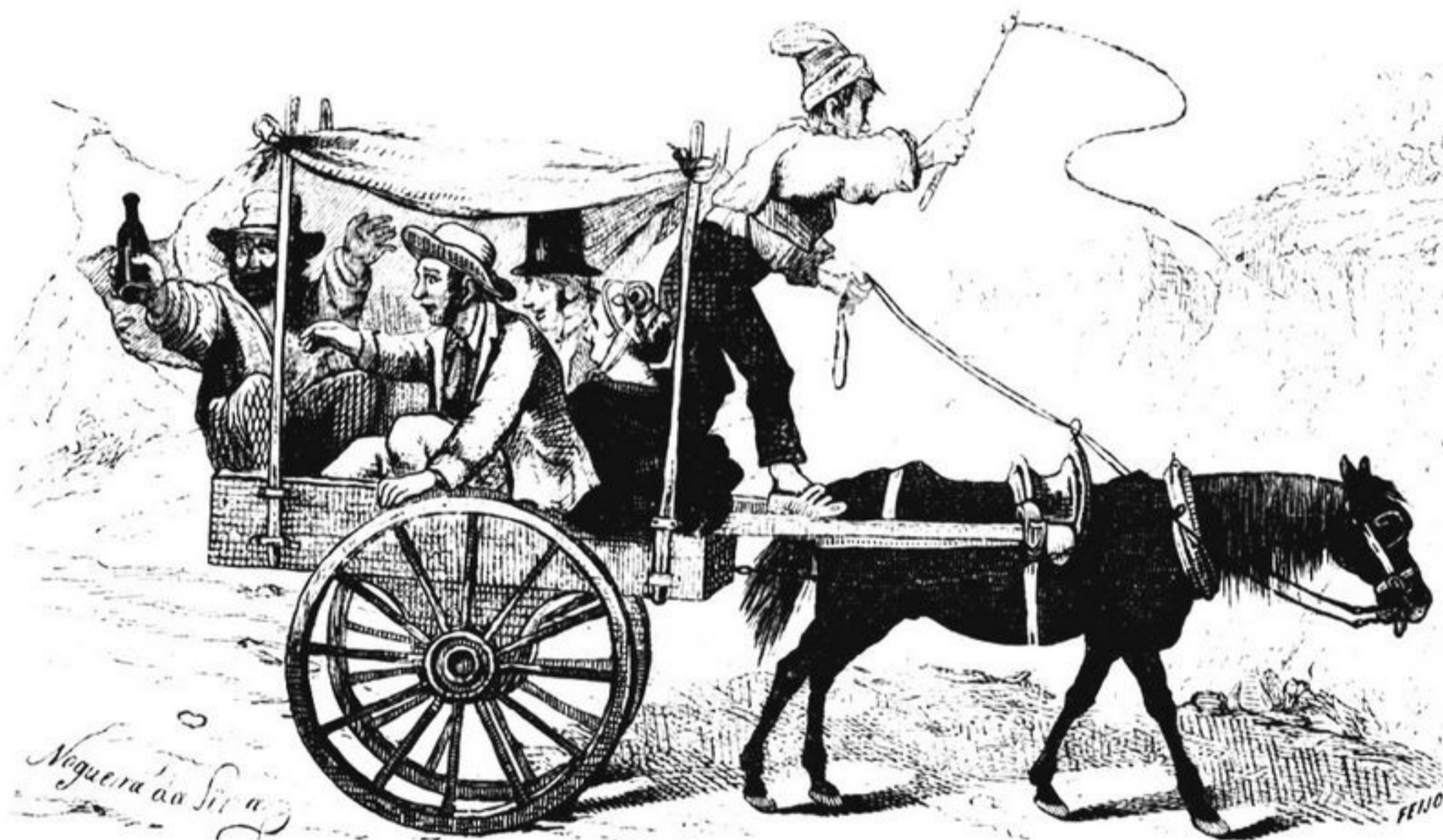
A' meia noite em ponto, no medonho desfiladeiro, passava-se uma scena extraordinaria.

—Ou confessas que já não me tens amor, dizia a Maria ao joven sacerdote, ou eu prego commigo d'aqui abaixo no fundo d'esta grotta!

—Nunca! meu anjo, meu amor, minha alma, minha vida! bradava elle com voz vibraute. Nós nascemos um para o outro e não para nos separarmos na aurora da existencia, por uma morte estúpida. Sinto que te amo agora mais do que nunca! E' verdade que sou padre; mas é tambem verdade que este amor é anterior aos meus votos. E o coração não muda, como a posição social. Para ti serei sempre o estudante João; para o mundo—o padre. E' preciso guardar as apparencias, aliás teria sido uma forte loucura ordenar-me.

E ella, encantada, louca d'alegria, lançando-lhe os braços ao pescoço, n'uma expansão colossal, dizia musicalmente:

—Dizes bem, meu querido João. Tu sabes o que fazes. Estou satisfeita por ver que és o mesmo. Agora, que és livre, senhor das tuas acções, nunca mais nos separaremos.



A VOLTA DO SENHOR DA SERRA

sempre a visitava primeiro do que ás outras vizinhas, quando ia a ferias, metter-se em casa e abotçara se n'um silencio respeitavel! A rapariga dava largas ao pranto.

No dia da missa nova, foi á igreja como toda a gente. Não despregou os olhos do altar-mór, isto é, d'elle, do seu idolo, do seu padresinho.

— Como elle está bonito com o pluvial! Jesus! como elle está bonito! exclamavam em côro, de roda da Maria, as outras raparigas.

E ella tinha vontade de esganal-as. Era aquelle pluvial a muralha da China que a separava d'elle. Comprehendia-o agora bem. E n'aquelle momento, daria todos os seus cordões de ouro para ter poder de arrancar-se d'ali e fugir para o matto, a chorar desabaladamente sobre umas pedras musgosas, na companhia dos passarinhos e das borboletas douradas.

E elle sabia que ella estava ali e não olhava, ou antes, não a fixava! O seu olhar vago, de pastor de almas, corria mansamente por cima da multidão, embalado pelas notas esganiçadas dos cantores do côro.

Afinal, a missa acabou, e todos se acercaram do João para o felicitar. E elle aceitava quasi indifferente os parabens. Dir-se-ia que um grave problema lhe torturava o espirito.

A Maria acercou-se tambem, arrastada pelas amigas, na onda. Elle nem reparou n'ella! Era de mais. Era muito. A rapariga precisou de toda a sua presença de espirito para não se trahir.

—Sim, nunca mais, querida Maria!

E os echos da noite repetiram o som de beijos e de protestos soffregos d'aquellas duas verdadeiras creanças.

No dia seguinte, o padresinho despedia-se solememente da povoação, e partia para a cidade, abraçado, adulado, respeitado por toda aquella santa gente.

No dia immediato, um gri'o formidavel de colera, rugia, pairava, expandia-se no ar em grandes ondas sonoras, contra o novo ministro do Senhor. A Maria tinha fugido n'aquelle noite, e não podia ter sido senão com elle.

E os mesmos que o tinham cercado, na vespera, de adulações, vomitavam agora contra elle toda a classe de injurias. O que são as cousas d'este mundo!

Quando o João o soube, disse resignado... nos braços da Maria:

—Principia o meu martyrio na terra! Manda a santa madre igreja, porém, que devemos soffrer as fraquezas do nosso proximo!

Maroto! Por aquelle preço... todos as quereriam soffrer.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica